

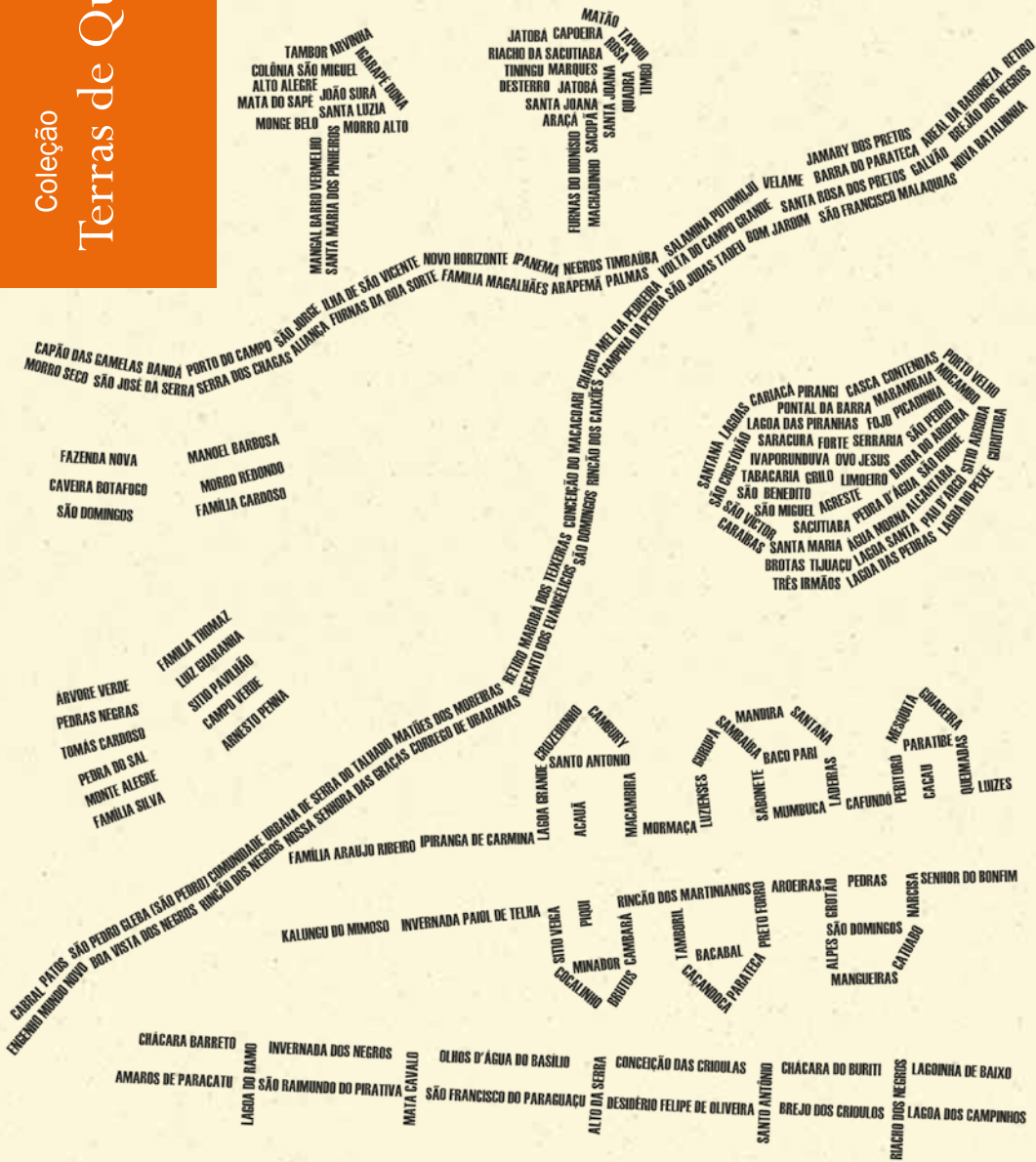


Coleção

Terras de Quilombos

Sergipe

Comunidade Quilombola Ladeiras



As terras de quilombos

são territórios étnico-raciais com ocupação coletiva baseada na ancestralidade, no parentesco e em tradições culturais próprias. Elas expressam a resistência a diferentes formas de dominação e a sua regularização fundiária está garantida pela Constituição Federal de 1988.

O Decreto 4.887/2003 define que o INCRA é o órgão federal responsável pela titulação dos quilombos, com competência concorrente do Distrito Federal, estados e municípios. Para fins de regularização fundiária, o INCRA elabora Relatórios Técnicos de Identificação e Delimitação (RTID) que reúnem informações fundiárias e cadastrais das famílias, bem como a caracterização antropológica, histórica, econômica e ambiental da área quilombola. Esse trabalho tem gerado um grande acervo de dados, registrando de maneira inédita um arcabouço de manifestações e características dos quilombos nos períodos escravocrata e pós-escravocrata.

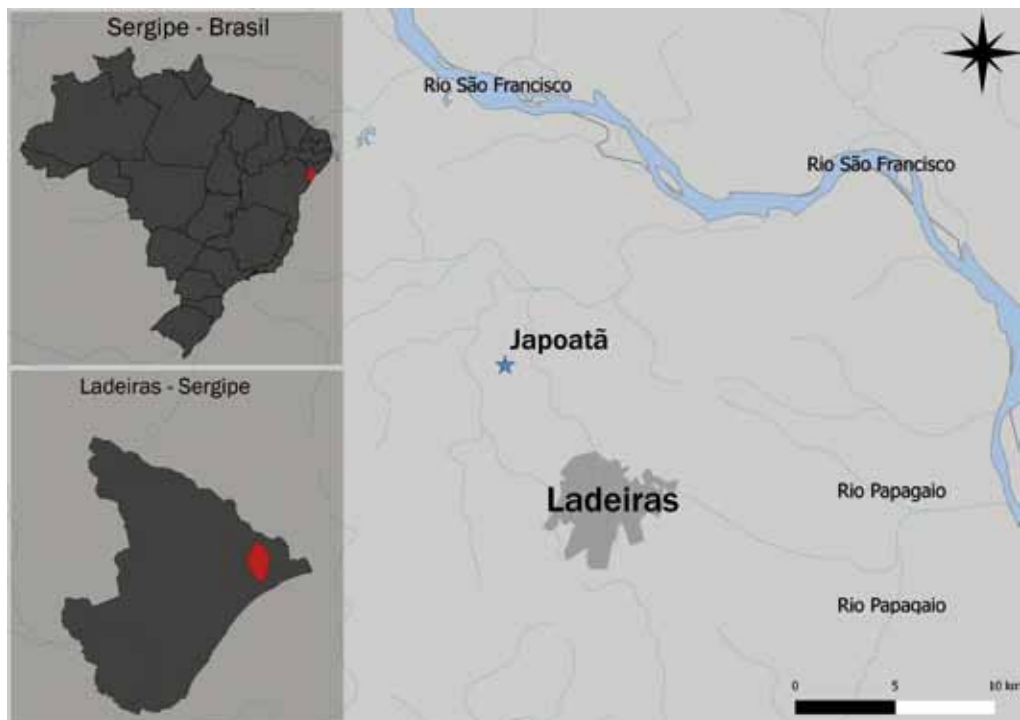
O objetivo da parceria entre INCRA, NEAD (SEAD) e UFMG é sistematizar e dar publicidade às informações contidas nos RTIDs, em muitos casos ignoradas pela historiografia oficial. Esse material, registrado no âmbito dos processos administrativos do INCRA, foi transposto para uma linguagem acessível, com o apoio de diversos colaboradores, destacando-se os autores das etnografias dos RTIDs. Os livretos trazem também depoimentos dos próprios quilombolas. Eles testemunham a continuidade de uma luta fortalecida pela esperança de que o conhecimento de sua história garanta finalmente a compreensão da legitimidade de seu pleito pela titulação.

A publicação dos livretos visa, assim, a contribuir para o reconhecimento das comunidades quilombolas, estimulando a difusão de informações qualificadas sobre elas. Reunidas nesta Coleção, as histórias de resistência quilombola agora podem ser conhecidas mutuamente pelos quilombolas das diversas regiões do país. Espera-se também que este material forneça a gestores públicos, educadores, pesquisadores e demais interessados informações acessíveis sobre essas comunidades.



Comunidade Quilombola Ladeiras

A Comunidade Quilombola Ladeiras está situada na zona rural do município de Japoatã, no estado de Sergipe, a 94 quilômetros da capital, Aracaju. Lá viviam, em 2010, cerca de 1.080 pessoas, formando 272 famílias, que pleiteiam um território tradicionalmente ocupado por seus antepassados escravizados, cuja área é de 1.988,57 hectares. O quilombo ganhou visibilidade em 2006, quando foi criada a Associação do Território da Comunidade Remanescente de Quilombo Ladeiras. No mesmo ano a comunidade foi reconhecida como quilombola pela Fundação Cultural Palmares.





Vista do território de Ladeiras.

A memória da Comunidade Quilombola Ladeiras é marcada pelo conhecimento de diversas criaturas, como os mitos da Caipora, Chico Neto e Negro D'água, que habitam espaços específicos de seu território. A comunidade, contudo, não tem mais livre acesso a todos esses lugares, devido às sucessivas vendas e processos de expropriação de suas terras. Ainda assim, a memória da escravidão e dos tempos mais livres do quilombo, os saberes, cultos e festas religiosas, os cemitérios e a igreja são decisivos para a identificação do território.

Os “Troncos Velhos” e o Território

Não se sabe exatamente quando as primeiras famílias negras, chamadas pela comunidade de *troncos velhos*, chegaram ao local. Esses primeiros membros eram todos negros e das famílias Julião, Paca e Peleu. “O finado Dida falou para mim uma vez que esta terra é assim: diz que os *troncos velhos* chegaram, não tinha dono, foram marcando, marcando e chegaram ao mar. Foram marcando com as pedras”, lembra o Sr. José Carlos Souza Vieira.

Nessa época, os casamentos eram realizados apenas entre os membros da comunidade. Não raro, os enlaçamentos matrimoniais aconteciam entre pessoas da mesma família. O Sr. Milton, conhecido como Dedé, conta que é casado com uma sobrinha, chamada Everina. Os dois possuem como antepassado em comum um homem a quem Sr. Milton se refere como Velho Paca. O quilombola conta que seu pai, o Sr. Agenor de Almeida, era um dos filhos do Velho Paca e que Everina é filha de uma neta dele, a Sra. Moça.

Os quilombolas se orgulham em dizer que o Velho Paca é o pai do quilombo Ladeiras e que a comunidade ainda é povoada por seus descendentes. Essa forma de casamento, embora não seja mais a única, ainda existe em Ladeiras. Também foi ela que garantiu que todos os membros da comunidade sejam aparentados entre si.

Ao longo do tempo, outras famílias foram incorporadas ao grupo. Dentre elas estavam os Almeida, Cabral, Ugino, Vieira, Santos, Bispo, Castor, Ferreira, Matos, Nascimento e Tavares. Essas famílias são conhecidas como *chegantes* e também demarcaram algum território para fixar moradia. Tanto os *troncos velhos*, quanto os *chegantes* não demoraram a estabelecer relações intensas com o território. Alguns espaços ficaram especialmente marcados, seja pelo significado que têm em relação à estabilidade territorial da comunidade, seja pelas criaturas sobrenaturais que neles habitam.

Dentre esses locais está a *solta*, que era a terra de uso comum. “Solta porque é uma área de terra grande, e era muito, como se diz, cheia de mato, o gado vivia solto por dentro, aí quando dá o nome: solta”, esclarece o Sr. Adalberto de Jesus, o Betinho. **Nesse espaço, todos podiam usufruir coletivamente dos recursos naturais disponíveis: da água, do pasto para o gado, das bordas de mata nas quais eram plantadas as roças familiares destinadas ao consumo próprio (chamadas de *ilhotas*) e das matas, onde podiam conseguir lenha, fibras naturais para o artesanato, caçar, pescar e colher frutas.**

Há também os espaços dominados pelo mato, onde vive a Caipora. Ainda que ela não seja mais facilmente encontrada, os relatos locais confirmam que basta “dar umas voltas por aí no mato para encontrá-la”. **A Caipora é responsável por ludibriar os membros da comunidade quando entram nas matas para caçar ou recolher lenha, fazendo com que se percam.** A Sra. Maria de Júlia Almeida dos Santos se lembra de uma situação em que foi enganada pela Caipora:

A Caipora, né? Todo mundo fala, né? Mas eu já fui perdida por ela duas vezes. Uma no tabuleiro da Mangaba, ela me perdeu. Não foi a mim só, ficou todo mundo perdido. Só dava cerrado, água,

cerrado e água, e nisso nós tiramos o dia e ninguém sabia para onde ia. Quando o sol virou, ficou todo mundo parado assim, como se o mundo ia se acabando. Era “uhhhhhhhhhhhhh” (som com a boca), aquela coisa assim, rapaz, não é bom, não.

Em outro espaço dominado pelo mato em Ladeiras, vive Chico Neto. Os quilombolas se referem a ele como um bicho encantado, ou seja, um ser sobrenatural. Não se sabe que forma ele tem, mas assusta aqueles que passam pelo local por volta do meio-dia. Segundo o Sr. Betinho, todos sabem da existência de Chico Neto:

Olha, eu mesmo, nunca vi ele nem pretendo ver, pelo que eu ouvi falar. Agora, eu ouvi falar que é um negócio muito feio, é como se fosse assim uma lenda encantada, é o que faz o pessoal se assustar, né? **É que nem um bode grande berrando, portanto, é que tem ali embaixo, como quem vai para Japoatã, descendo ali tem uma baixazinha, que estava do Chico Neto. Os meninos aqui sabem disso.**

Outro local importante é o lago, povoado pela figura do Negro D'água, que pode se apresentar de diferentes formas, como meio homem, meio peixe, ou mesmo como uma criança. A Sra. Maria do Carmo Tavares se lembra do dia em que quase foi pega pelo Negro D'água:

Eu fui pescar uma noite, eu, uma cunhada e o marido dela. Quando a gente chegou à lagoa, nessa dita lagoa aqui, ele só chiava assim, pegava aquelas folhas do coqueiro, fazia assim uma tocha, aí ficava iluminando dentro da água, aí ficava para cortar o peso do facão e a gente com o puçá atrás. Aí, quando chegou assim na metade de um lado da lagoa, aí eu vi aquele negócio sair de dentro



Lagoa do Negro D'água, no coração de Ladeiras.

da água assim “huuu”, como se fosse um touro, aí eu catei assim e não vi ninguém. Aí, continuei pescando e aí assim por trás de minhas costas, aí ele começou a fazer assim com a mão [empurrar]. Aí, eu disse: “Compadre velho, o que é isso atrás de mim?”, e ele disse, daquele jeito dele: “Eta, comadre, que homem preto”. Aí ele fez com a mão para me pegar e ele caiu dentro da água, blom. Aí, quando nós vínhamos, ele estava no meio da lagoa, nu, pelado, pelado mesmo (...). Aí, eu disse bem assim: “Vixe, Nossa Senhora, creem, Deus Pai, vamos embora, compadre!”. Ele disse: “Vamos embora”. Eu e minha comadre estávamos mais à frente, aí ela disse: “Eu escutei”. Aí, nós, aqui, viemos embora.

Como conta o Sr. Antônio dos Santos, os quilombolas sabem que os Negros D’água são os espíritos dos antigos escravizados, que, como sua mãe lhe contava, eram amarrados em uma gameleira por horas e, logo depois, obrigados a continuar com o trabalho duro do cativoiro. Essa árvore ficava próxima à lagoa e foi arrancada após a abolição. Essa região, composta pelo lago, a gameleira e o antigo engenho, é conhecida como o coração do território quilombola pelas fortes memórias que evoca.

O território quilombola pode ser apreendido por meio da memória da comunidade. Os quilombolas se lembram das histórias de cada local, que, muitas vezes, estão marcadas pela memória do cativoiro. Algumas delas resultaram na convivência com os encantamentos (personagens sobrenaturais), fazendo com que todos saibam como agir em cada espaço e quando não frequentá-los para garantir sua segurança.



Quilombolas desenhando território em local próximo à lagoa do Negro D’água.

Santos, Orixás e Festas

Além de reconhecerem a existência dos encantados, os quilombolas de Ladeiras são devotos de alguns santos católicos, tendo Santo Antônio e Nossa Senhora Aparecida como seus padroeiros. Logo na entrada da comunidade, próximo à solta, há a Igreja de Santo Antônio, que foi construída de modo que sua fachada ficasse voltada para o local onde viviam os donos de engenho e a parede de trás, para o território quilombola.

Nessa igreja aconteciam os cultos destinados às famílias dos donos de engenho, que também eram sepultados em seu interior. Segundo a memória da comunidade, ali está enterrado Dodô Bezerra, fazendeiro que construiu um engenho onde fica a comunidade. Os quilombolas contam que realizavam seus cultos em uma pequena capela, que ficava nas proximidades da mata do Chico Neto. A capela foi derrubada, mas ainda existem vestígios dela no local.

Na época dos donos de engenho, a comunidade possuía apenas um cemitério. Lá eram sepultadas as crianças, que após o falecimento se tornam anjos, devido à sua pureza, e por isso não deviam ser enterradas junto aos adultos. Quando estes morriam eram colocados em uma rede e levados pelos homens a um local distante, onde poderiam ser enterrados. A viagem era longa. Os homens levavam mantimentos e descansavam em certo ponto da estrada, onde existiam duas ingazeiras nas quais podiam pendurar a rede.



Fachada da Igreja de Santo Antônio.



Igreja de Santo Antônio vista de trás.

Os quilombolas se lembram com humor de um tempo em que uma doença contagiosa matou muitos membros da comunidade. Nessa ocasião, Dodô mandou abrir uma vala funda, contra o vento, onde os mortos pela doença deveriam ser enterrados. Uma vez, jogaram uma mulher viva na vala e ela conseguiu sair de lá. Hoje há um novo cemitério localizado próximo às casas das famílias, na entrada da comunidade.

A religiosidade católica em Ladeiras também se expressa na forma de festas em homenagem aos santos. A principal é o Risado ou Reisado, que conta com um rei e uma rainha, sendo esta considerada a “deusa da festa”. Em geral, as mulheres mais velhas da comunidade têm o direito de serem as rainhas. Quase todos os membros da comunidade participam da festa, marcada pela música e pela dança. Não há uma data específica em que ocorre. Segundo os quilombolas, o Reisado acontece de modo espontâneo e tem início quando da chamada para a brincadeira. Existe, ainda, a dança do cacumbi, que também não tem data definida e vem acontecendo cada vez menos.

Durante as festas acontecem diversas brincadeiras. Um exemplo é a “cabacinha”, em que os moradores jogam pequenas bexigas de água uns nos outros. Em um contexto no qual os membros da comunidade precisaram conviver com famílias diferentes em um curto espaço de tempo (devido às sucessivas vendas das terras), as brincadeiras se mostraram muito importantes para incluir os de fora, gerando uma relação de confiança e aproximação.



Altar da Igreja de Santo Antônio.



Imagem de Nossa Senhora no altar da Igreja de Santo Antônio.

O catolicismo, entretanto, não é a única religião existente no quilombo de Ladeiras. Algumas pessoas se identificam com a prática das religiões afro-brasileiras. A Sra. Verina Vieira Cabral lembra que aos domingos frequentava com a família a Casa de Xangô, conduzida pela Sra. Lalinha, já falecida. Lá, era feita a “reza” e “batia o couro”. A Sra. Verina também se lembra do samba de coco: “A gente chamava era de batuque, a gente fazia casa de taipa, né? Aí, quando era para aterrar as casas, né, aí botava um samba de coco”.

Ainda que não seja a religião mais professada em Ladeiras, o candomblé ganha relevância ao sugerir certo “segredo” ou “silêncio”. Além disso, é comum que os quilombolas se refiram a ele quando tratam da religiosidade de seus antepassados.

Processos de Expropriação de Terras: os Fazendeiros, as Cercas e as Soltas

Os troncos velhos são anteriores, mas também contemporâneos de Dodô Bezerra, fazendeiro que se apossou do território e lá construiu um engenho de açúcar. Nessa época, muitos antepassados dos quilombolas eram escravizados de Dodô. O Sr. Antônio dos Santos se lembra dos tempos do cativo:

Como eu lhe falei, minha mãe trabalhava lá [no cativeiro]. E ela me contava tudo. (...) Mas minha mãe e outras pessoas traziam cana na cabeça porque não tinha condições do carro subir, ali era uma estrada velha até dentro dos currais, né? Mas, dali, da descida até embaixo (...) ali era cana, era cana virada, minha mãe cansou de me dizer que era para me dar de comer e duas filhas mais que tinha, né?

Também remonta a esse tempo a lembrança dos quilombolas de uma vez que Dodô mandou arrancar todas as unhas das mãos de uma escravizada, que havia roubado uma galinha para comer. Sabendo disso, outro escravizado fugiu com a mulher para o mato, onde ficaram muito tempo escondidos e depois foram para Vila Nova.

Após a abolição, os ex-escravizados puderam permanecer residindo na área. **Por isso, a comunidade de Ladeiras é um dos quilombos formados por ex-cativos que tiveram êxito em permanecer com acesso à terra depois do fim da escravidão.** Para garantir a permanência dos quilombolas, assim como o futuro de seu filho, Dodô vendeu parte das terras para um homem a quem uma quilombola se refere como Gonçalves da Passagem. Entretanto, a porção de terra na qual vivia a comunidade foi deixada para o filho de Dodô, Otávio Bezerra, conhecido no local como Pombo.

Pombo permitiu que as famílias de ex-escravizados da propriedade de seu pai permanecessem vivendo em suas terras em troca da prestação de serviços à família Bezerra. “Foi assim: era ir casando, o Pombo dizendo: ‘Vai ficar trabalhando para mim e pode fazer a casa aí’”, contam. Os quilombolas recordam, ainda, que tinham livre acesso ao uso da *solta* na época do Pombo.

Algum tempo depois, Belinha, a esposa de Pombo, ficou gravemente doente. Com a iminência da morte dela, o fazendeiro decidiu se desfazer de parte do que possuía e iniciou a venda de porções das terras para os trabalhadores que nela residiam. Sobre esse período, recordam que:

(...) isto aqui era como se fosse uma fazenda, entendeu? Aí depois passou a povoado e até hoje está como povoado. Quer dizer que era dominado por ele (...). Nós éramos como se fôssemos os inquilinos dele, está entendendo? (...) então a mulher dele foi e caiu doente, um câncer no seio. Então, ele se viu precisado, necessitado e desenganado que a mulher ia falecer e pela idade dele, foi desfazer do que tinha. Aí, ele foi oferecendo assim, como se fosse essa casa aqui, por exemplo, já estava aqui há muito tempo, aí ele chegou aqui e falou: “Olha, o que está acontecendo, que eu sei que nós não vamos mais em frente e eu quero deixar vocês todos nos seus lugares, então vamos medir o pedacinho de casa que tem com a malhada e vocês dão tanto”. **Aí, foi assim que hoje nós estamos libertos aqui, está entendendo como é que é? Mas quer dizer que nós éramos como se fôssemos uns inquilinos dele, porque ninguém tinha terra aqui, ninguém tinha o direito de plantar um pé de fruteira, nin-**

guém podia plantar um coqueiro, uma mangueira, não era dono, né? Aí, depois é que nós nos situamos aqui. Então, a fruteira está em casa, coqueiro, mangueira.

Monocultura e Agropecuária

A comunidade pôde, por algum tempo, continuar usufruindo dos recursos naturais provenientes da *solta* e plantando suas roças, além das árvores de frutas. Contudo, após a morte do Pombo, sua filha de criação, Zefinha, deu prosseguimento à venda de porções das terras herdadas de seu pai. Nesse processo, o acesso à *solta* foi cada vez mais dificultado até ser totalmente barrado, com o cercamento desse pedaço de terra e a implementação de modelos produtivos intensivos.

O início das dificuldades de sobrevivência dos quilombolas de Ladeiras está relacionado à privação de acesso aos recursos naturais. Essa situação remonta ao momento em que um fazendeiro adquiriu grandes parcelas de terra na região e iniciou a cultura de cana, soja, dentre outros gêneros alimentícios. Os quilombolas lembram que, a partir de então, ninguém plantou mais nada e toda a mata foi derrubada. Após a falência desse proprietário, as terras foram compradas por outro, que investiu em agropecuária. Ao contrário do primeiro fazendeiro, o segundo empregou poucos moradores de Ladeiras, dificultando ainda mais a sobrevivência da comunidade.

A memória dos quilombolas ficou marcada pelas mudanças que se passaram na vida da comunidade durante os processos de venda das fazendas, que foram criadas a partir do desmembramento do território quilombola:

Ela [a *solta*] foi desbravada por tratores para fazer o alto cultivo da terra. Começou o desbravamento da *solta* em 1981. (...). Quando ele [o primeiro fazendeiro] veio, já expulsou a gente da terra, mas ele dava emprego para a gente, todo mundo assim, a partir de 6 anos de idade. Plantou soja, milho, sorgo, cana e, por último, foi feno. Tinha mais ou menos uns 1000 porcos, coisa de primeiro

mundo, mas (...) ele tirava dejetos dos porcos e espalhava na terra para ficar fértil. Então, chegava uma hora, de onze e meia até duas horas, o vento estava soprando aqui, a comunidade não aguentava. Abestou muita gente! (...) Não tinha casa que suportasse, adoeceu muita gente, muitos morriam. Então, chegou um tempo de a gente se mobilizar, fazer abaixo-assinado (...). Depois, ele veio com aquelas vacas holandesas de leite, aí não fez muito sucesso, em dois, três anos, ele faliu e, quando faliu, vendeu as terras a (...). Eram 2,7 mil tarefas. Era a *solta*, todo mundo plantava em qualquer lugar que quisesse. Hoje, é de (...), aí hoje são umas 2,7 mil tarefas aproximadamente, umas 2 mil cabeças de gado. Antes, seu (...) [primeiro fazendeiro] empregava mais ou menos umas 150 pessoas, hoje, se tiver 15...

As mudanças ocasionadas pelas vendas e pelo desmembramento do território fizeram com que os quilombolas perdessem o direito ao acesso a muitos espaços importantes para a memória da comunidade. Para ir a alguns deles, é necessário pedir autorização a determinados fazendeiros. A parte do território conhecida como a mata do Chico Neto, onde os antepassados dos quilombolas caçavam e colhiam frutas típicas do local, é um exemplo desses espaços.

Como a Comunidade Quilombola Ladeiras quase não tem terras agriculturáveis sob seu domínio, teve de encontrar outros meios para garantir sua sobrevivência. Uma saída foi se alternarem no trabalho como diaristas nos platôs (superfícies planas e elevadas onde, nesse caso, são plantados alimentos) que existem nas proximidades para conseguir parte da renda que precisam. Entretanto, essa atividade, assim como a renda que produz, é instável, pois essas plantações nem sempre requerem um grande número de trabalhadores.

A segunda alternativa encontrada foi a revenda de produtos comprados pelos quilombolas, nesses platôs, em feiras que acontecem ao menos uma vez por semana na região. Apesar da dificuldade e proibição do acesso a partes do território quilombola onde os membros da comunidade tradicionalmente pescavam e colhiam frutas, sempre que têm êxito em alguma dessas atividades, levam seus

produtos para vender na feira também. Por fim, algumas pessoas trabalham nas roças das fazendas da região. Como pagamento por esse trabalho, os quilombolas geralmente recebem um pequeno pedaço de terra, onde podem plantar uma roça de subsistência.

Vida em Comunidade

Em 2010 o território de Ladeiras era dotado de alguma infraestrutura. Havia, por exemplo, um estabelecimento de atendimento médico ambulatorial, que recebia visitas semanais de um médico. Havia, porém, o limite de 20 consultas por dia. Existiam também três agentes de saúde que residiam na comunidade e realizavam o acompanhamento de saúde por domicílio.

A comunidade era atendida pela Escola Estadual Otávio Bezerra, que tinha 195 alunos no ensino fundamental. Os alunos que desejassem cursar o ensino médio precisavam se deslocar até o povoado de Ladeiras, onde há a Escola Família Agrícola, para a qual havia transporte gratuito dos alunos nos três turnos. Havia, ainda, uma escola municipal e uma creche. Esta, porém, estava desativada em 2010.

Os quilombolas contavam com iluminação pública e nas residências. Existiam três telefones públicos no local, apesar de apenas um funcionar adequadamente. Quanto à telefonia celular, somente uma operadora oferecia condições de acesso na comunidade. Ladeiras contava ainda com uma rede de distribuição de água, que era retirada de um poço artiano que existia no local. A quantidade de sal na água, contudo, era muito elevada. Por isso, ela só podia ser utilizada para trabalhos domésticos. Além disso, seu fornecimento era irregular. Para o consumo humano, precisavam utilizar poços artianos e água de nascentes da região.

As casas, em geral, eram prioritariamente de alvenaria e tinham dois ou três cômodos. Ainda assim, algumas ainda eram feitas de taipa. No início dos anos 2000 a comunidade foi beneficiada por programas do governo para a construção de casas populares e de

banheiros, naquelas que ainda não os tinham. Os programas também buscavam dar fim às casas de taipa, por meio de construção de moradias de alvenaria, e realizar o calçamento de algumas ruas da comunidade.

Em relação à assistência técnica, a Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe realizava, em 2010, trabalhos na região de Ladeiras. A EMDAGRO ajudava a comunidade a elaborar projetos de financiamento, fornecia assistência técnica, distribuía sementes e realizava o controle de zoonoses.

Em 2011 a Associação do Território da Comunidade Remanescente de Quilombo Ladeiras já se encontrava bem estruturada e estava fortemente envolvida na luta pela causa quilombola em Sergipe. Naquele ano a Associação participou de atos contra o racismo e em defesa de seus direitos. Os membros da comunidade também participaram de festivais culturais que tinham por objetivo divulgar a riqueza da cultura quilombola no estado.



As moradias em Ladeiras e o calçamento das ruas.

Esta narrativa foi escrita por Maíra Leal Corrêa, com base no Relatório Antropológico sobre a Comunidade Quilombola Ladeiras, elaborado em 2010 pela equipe coordenada por Mariana Balen Fernandes e formada por Aderval Costa Filho, Cristian Jobi Salaini, Rafael Lopes Franco e Vinícius Pereira de Oliveira. Todas as fotografias são da equipe que elaborou o relatório.

Uma palavra da comunidade

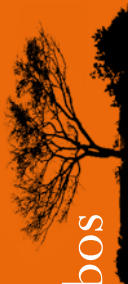
Ladeiras

“O maior sonho de toda comunidade quilombola é ter reconhecido seus territórios”. Ladeiras quer ser livre! E para que sejamos quilombolas livres precisamos da terra. Pois, sem ela não somos ninguém. Sonhamos com um futuro em que tenhamos a posse do nosso Território. O nosso futuro é a terra, nosso bem maior. A herança dos nossos antepassados, dos nossos pais. Mesmo que hoje vivamos de doação de cestas básicas e Bolsa Família, a maioria das famílias quilombolas para sobreviver trabalha no “alugado”, outras famílias compram frutas e verduras nas cidades de Aracaju e Itabaiana, e catam Mangaba para vender em feiras livres na cidade de Penedo e Alagoas.

Antes de sermos reconhecidos quilombolas, a comunidade não tinha acesso a água de boa qualidade, a água era de bica e, as ruas não eram calçadas. Só tínhamos duas escolas, uma municipal e outra estadual, com apenas duas professoras, na chamada Escola Rural. Também não tínhamos posto médico. De 2009 para cá algumas ruas foram calçadas, hoje temos água encanada, apesar de não ser adequada para o consumo humano, pois não é água tratada, ainda assim, serve para cuidar dos animais, lavar roupas, regar as plantas e para o banho.

Atualmente, temos um posto de saúde com enfermeira, agente de saúde e médico. As escolas foram ampliadas e hoje temos até a oitava série. Mudaram poucas coisas, mas já foram avanços. Mas, ainda assim, nossa maior dificuldade durante todos esses anos é a falta da terra, pois, quilombola sem terra é quilombola sem direito.

Queremos ser livres e pra sermos livre precisamos do nosso direito a terra!



Projeto Formulação de uma Linguagem Pública Sobre Comunidades Quilombolas

PARCERIA	INCRA/CGPCT/NEAD; UFMG/OJB, CERBRAS
COORDENAÇÃO GERAL	Lilian C. B. Gomes, Juarez Rocha Guimarães, Maria Consolação Lucinda, Leonardo Avritzer, Rodrigo Ednilson de Jesus
CONCEPÇÃO DE TEXTO, EDIÇÃO FINAL E SUPERVISÃO	Fernanda de Oliveira, Rodrigo Ednilson de Jesus, Juliana Soares Campos e Carlos Eduardo Marques
CONSULTA ÀS COMUNIDADES	Aline Neves Rodrigues Alves, Marilene Ribeiro
ADMINISTRAÇÃO	Agnaldo P. Ferreira Júnior, Priscila Z. Martins, Danúbia Zanetti
MAPAS E FOTOGRAFIAS	Alexander Cambraia N. Vaz
PROJETO GRÁFICO	Paulo Schmidt

C824ql Corrêa, Maíra Leal
Quilombo Ladeiras /Maíra Leal Corrêa. - Belo Horizonte : FAFICH, 2016.

16 p. (Terras de quilombos)

Baseado no Relatório Antropológico sobre a Comunidade Quilombola Ladeiras/Japoatã – SE de Mariana Balen Fernandes, Aderval Costa Filho, Cristian Jobi Salaini, Rafael Lopes Franco e Vinícius Pereira de Oliveira.

1. Quilombos. 2. Antropologia. 3. Relatório antropológico sobre a Comunidade Quilombola Ladeiras/Japoatã – SE. I.Título. II. Série.

CDD:306

CDU:39

MICHEL TEMER
Presidente da República

ELISEU PADILHA
Ministro da Casa Civil

JOSÉ RICARDO RAMOS ROSENO
Secretário Especial de Agricultura Familiar
e Desenvolvimento Agrário

JEFFERSON CORITEAC
Secretário Executivo Adjunto

CARLOS EDUARDO OLIVEIRA BOVO
Diretor do Núcleo de Estudos Agrários e
Desenvolvimento Rural - NEAD

WILLY GUSTAVO DE LA PIEDRA MESONES
Coordenador do Núcleo de Estudos
Agrários e Desenvolvimento Rural - NEAD

LEONARDO GÓES SILVA
Presidente do Instituto Nacional de
Colonização e Reforma Agrária - Incra

ROGÉRIO PAPALARDO ARANTES
Diretor de Ordenamento da Estrutura
Fundiária - Incra

ISABELLE ALLINE LOPES PICELLI
Coordenadora Geral de Regularização
de Territórios Quilombolas - Incra

GUILHERME MANSUR DIAS
JULIA MARQUES DALLA COSTA
Coordenação Executiva do Projeto

SERVIÇOS QUILOMBOLAS
Apoio técnico – Superintendências do
Incra nos estados

A Coleção Terras de Quilombos reúne um conjunto de

narrativas a respeito da formação, do modo de vida e das lutas travadas por comunidades quilombolas brasileiras para se manter em seus territórios tradicionais. Em cada livreto, uma comunidade quilombola é apresentada em sua singularidade.

Ao todo, a Coleção oferece um panorama da diversidade de trajetórias vividas por ex-escravizados – incluindo por vezes indígenas e grupos em outras situações sociais – para conquistar a sua independência e se estabelecer na terra autonomamente. O fato de terem sido deixados à própria sorte após a Abolição resultou em uma multiplicidade de caminhos percorridos para conseguirem consolidar os seus territórios. Foram muitos os modos como ocuparam as suas terras e distintas as maneiras como formaram as suas comunidades, enfrentando todo tipo de desafios para se relacionarem livremente com seu entorno.

O conceito de quilombo esteve associado ao período da colônia e do império. Com a Abolição, os quilombos deixaram de ser mencionados, como se o fim de quatro séculos de escravidão significasse a garantia de liberdade. No entanto, os quilombolas continuaram e continuam a lutar para reproduzir seus modos de criar, fazer e viver, resistindo às dificuldades, injustiças e preconceções legadas pelo período escravocrata. São essas as histórias narradas nesta Coleção. São histórias do Brasil vistas pelo prisma de quem, com suas tradições, formas de vida, religiosidades e respeito à terra, enriquece o mosaico da sociodiversidade brasileira.

UFMG

CERBRÁS
Centro de Estudos
de Resistência e Resistência

CEB - AL

Quilombolas

INCRA nead

SECRETARIA ESPECIAL DE
AGRICULTURA FAMILIAR E DO
DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO

CASA CIVIL

BRASIL
2003-2010